

**Portuguese A: language and literature – Higher level – Paper 1**  
**Portugais A : langue et littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1**  
**Portugués A: lengua y literatura – Nivel superior – Prueba 1**

Wednesday 10 May 2017 (afternoon)  
Mercredi 10 mai 2017 (après-midi)  
Miércoles 10 de mayo de 2017 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**Instructions to candidates**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Question 1 consists of two texts for comparative analysis.
- Question 2 consists of two texts for comparative analysis.
- Choose either question 1 or question 2. Write one comparative textual analysis.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

**Instructions destinées aux candidats**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La question 1 comporte deux textes pour l'analyse comparative.
- La question 2 comporte deux textes pour l'analyse comparative.
- Choisissez soit la question 1, soit la question 2. Rédigez une analyse comparative de textes.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

**Instrucciones para los alumnos**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la pregunta 1 hay dos textos para el análisis comparativo.
- En la pregunta 2 hay dos textos para el análisis comparativo.
- Elija la pregunta 1 o la pregunta 2. Escriba un análisis comparativo de los textos.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Escolha a questão 1 ou a questão 2.

1. Analise, compare e contraste os dois textos a seguir. Inclua comentários sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.

### Texto A

COLUNISTAS



## O charme discreto da burocracia

NUNO PACHECO 30/06/2013 – 00:00

✉
🔗
🖨
💬 0
🔖
✎

📘 Recomendar
📄 Partilhar 0
🐦 Tweetar
👍 G+1 0

O tom buñueliano<sup>1</sup> do título é ilusório, já que a história que o inspira é mais uma mistura de Chaplin<sup>2</sup>, Fellini<sup>3</sup> e Kafka<sup>4</sup>. [...] Mas adiante. Há um projecto de lei do Governo para pôr em ordem as pinturas nas paredes. Não as pinturas lisas, industriais, amorfas, mas as multicoloridas, artísticas, entusiasmadas (excluem-se desta categoria

5 as sujidades avulsas, os *tags* a oito, o vandalismo gratuito na feitura mas caro na reparação). Entendeu então o Governo, decerto inspirado em inteligentes consultores, criar uma forma simples de desanimar até à inanição os potenciais grafiteiros (agora chamam-se *writers*, que é coisa mais chique): afogá-los em burocracia.

A burocracia, como se sabe, é a forma legal mais eficaz de afogar o que quer que seja:

10 trabalho, empresas, iniciativas, boas vontades, voluntarismos e muitos etcéteras.

O que imaginou, então, a alma criadora de tal lei? Primeiro, que quem quiser fazer uma pintura mural ou colar um cartaz em determinada parede tem de fazer um requerimento à câmara municipal da área do prédio, pedindo-lhe autorização. Só isso? De modo algum. Terá também de trazer consigo “autorização expressa e documentada do

15 proprietário” da parede em questão. Isto, vendo bem, há-de ser fácilimo. Todos imaginamos o senhor X, grafiteiro nas horas vagas ou nas horas todas, a bater à porta do senhor Y, senhorio do prédio da Rua Z, e perguntar-lhe: “Senhor Y, posso pintar a sua parede?” E o senhor Y a responder: “Pode, claro. Prefiro azul, se não se importa. Quanto é que leva à hora?” “Não é bem isso”, responde X. “É mais um *graffiti*. Com

20 figuras e mensagens, não sei se está a ver...” Y não estava, claro. Mas ainda assim arriscou: “Que figuras???” “Bem”, dirá X, “uns manos com umas *shirts* de curte fixes, *girls*, bué da sons e assim”. Y, sem perceber nada, arruma o assunto laconicamente: “Bom, deixe aí os papéis na caixa do correio com o desenho. Não sei se quero, entende? Tenho de ver com cuidado, entende? Pinturas são uma coisa complicada, entende?”

25 Claro que entende. Entende sobretudo que juntar duas assinaturas, a do proprietário da  
parede (do prédio, do muro, da fábrica, do que for) e a dos serviços camarários é algo de  
tão provável quanto ganhar a sorte grande sem ir a jogo. Por isso pega nos pincéis,  
vai-se à parede e pinta o que lhe der na gana. Depois é detido, intimado a pagar até  
30 vai, assim, não só privá-lo da liberdade como alimentá-lo por um período mais ou  
menos longo. O juiz decidirá.

Ah, enquanto isso, milhões de *tags* e garatujas vão continuar a dar cabo de paredes,  
portas, vidros e o que mais houver, às horas em que polícias e fiscais tentam pegar no  
sono. Mas o Governo dormirá. Porque tem uma lei. E uma lei nova é uma coisa muito  
35 boa para se ter.

Pena é que tal rotina burocrática não seja aplicada, por exemplo, às fraudes. Fulano,  
para cometer uma fraude, teria de pedir licença à câmara da jurisdição, que por sua vez  
lhe exigiria comprovativo (assinado, claro) de que o dono da empresa onde a fraude iria  
ser praticada não se oporia. Imaginam o resultado? Os roubos também podiam ser  
40 regulados desta maneira. Cada gatuno teria de solicitar no *guichet* camarário os papéis  
para o necessário requerimento de assalto. Na câmara dizia-lhe o funcionário, solícito:  
“O senhor quer assaltar a casa na esquina da rua A com a rua B? Pois tem de pedir,  
primeiro, que o proprietário assine esta declaração, em triplicado. Uma cópia para si,  
outra para a câmara e uma outra para a polícia, que depois lavrará o auto. Não sabemos  
45 se ele quer ser assaltado, entende? Temos de ver com cuidado, entende? Assaltos são  
uma coisa complicada, entende?”

Claro que entende. Por isso fraudes e assaltos continuam. Não pelo gosto de defraudar  
ou roubar, não, isso não, mas pela imperiosa necessidade de fugir à burocracia, essa  
imensa e negra sombra que tudo mata à sua passagem. Conclusão: os ladrões, dos que  
50 surripiam malas às velhinhas aos que esvaziam contas bancárias alheias, nada terão a  
temer. Para eles, não haverá leis a impor requerimentos, só a eterna roleta da sorte e do  
azar: uns serão presos, outros não. Já os grafiteiros terão menos sorte. Vão mesmo ser  
perseguidos, sabiam?

Nuno Pacheco, *Público online* (2013)

---

<sup>1</sup> Buñueliano: alusão ao título do filme *O charme discreto da burguesia*, realizado por Buñuel

<sup>2</sup> Chaplin: famoso ator/ comediante do cinema mudo

<sup>3</sup> Fellini: famoso cineasta do século XX, que revela uma profunda visão pessoal da sociedade ao colocar as suas personagens em situações bizarras

<sup>4</sup> Kafka: um dos escritores mais influentes do século XX em cuja obra se encontram várias situações em que a burocracia subjuga as pessoas, geralmente de forma surreal

Blank page  
Page vierge  
Página en blanco

**Texto B**

A Via-Sacra\* da Burocracia



Jorge Benegochea, [www.infelicidadetributaria.blogspot.pt](http://www.infelicidadetributaria.blogspot.pt) (2013)

---

\* Via-Sacra: provação, sofrimento (sentido figurado)

2. Analise, compare e contraste os dois textos a seguir. Inclua comentários sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.

### Texto C

## A Morgadinha dos Canaviais

A aldeia vira-se invadida por um bando de seres desconhecidos, que viera alterar a perene serenidade de ânimo de uma população habituada a considerar, como ocorrências de máximo interesse, a reforma dos muros ou das cancelas de qualquer proprietário da localidade.

5 A coorte<sup>1</sup> de engenheiros, condutores, apontadores, cantoneiros, e mais operários vinha, com seus hábitos e costumes novos, fazer tantas ou maiores mudanças na vida moral da aldeia do que nas condições físicas dela as bandeirolas, os niveladores, as enxadas, as pás, alviões<sup>2</sup>, picaretas, carros de mão e padiolas, de que era armada essa coorte.

10 [...] Pela demolição [da casa do herbanário], e do quintal que a rodeava, principiaram as obras.

[...]

Era no fim da tarde de um dia enevoado e frio, de um desses dias em que os ânimos mais fortes se deixam dominar de uma melancolia profunda. [...]

15 O machado demolidor e a alavanca principiaram a sua obra de destruição: desconjuntavam-se as pedras dos muros, desfazia-se em pó a argamassa<sup>3</sup> secular, caíam a golpes de machado as vigas dos tectos e os troncos das árvores, alastrava-se de tijolo e calça a verdura dos tabuleiros, e cedo, de toda aquela vivenda tão amena e virente, só restavam ruínas.

20 Numerosos grupos de já pacificados espectadores seguiam com curiosidade as operações de devastação; mas, longe dali, a maior distância do que os indiferentes, assistiam ao espectáculo os únicos olhos que ele orvalhava de lágrimas, o único coração que ele deveras apertava de dor.

25 O herbanário fora sentar-se na encosta de um outeiro<sup>4</sup> vizinho, de onde se divisava toda a cena. Com a cabeça pousada na mão e o braço apoiado sobre o joelho, com voz comovida, dizia adeus a cada árvore, que dali via vacilar e cair, como se fosse um amigo que o precedesse no túmulo. Parecia ter fugido para longe, para pelo menos não lhes ouvir o estertor<sup>5</sup> da agonia. [...]

O herbanário, sempre que via brilhar o machado sobre uma nova árvore, recordava sentidamente algum episódio do seu passado a que ela estava ligada.

30 — Lá vai aquela faia! — dizia ele com intensa melancolia — pobre velha! Era à tua sombra que meu pai me ensinava a ler! Encostava-se àquele tronco, sobre a grossa raiz que ele tem à flor da terra, e pegando em mim ao colo, guiava-me nas primeiras lições! E viver eu para te ver cair.

35 E, ao perceber-lhe balançar as sumidades<sup>6</sup>, o velho fechou os olhos instintivamente. Cedo ouviu um estrondo... Quando os abriu, estava por terra a faia.

40 — Agora é a tua vez, pobre carvalho! — dizia, algum tempo depois. — Muito queria minha mãe àquela árvore! Por suas mãos a plantou bem tenra. Nunca me sentei àquela sombra, que me não lembrasse da santa mulher! Parecia que eram vozes tuas, que ma recordavam, infeliz! Bárbaros! Olha com que desamor a decepam! Perdoa-me, meu velho amigo, mas bem vês que te não posso valer.

E o carvalho caiu.

E caíam, uma após outra, todas as árvores do quintal, os limoeiros, as nogueiras, os salgueiros e toda a família vegetal do velho Vicente, que sentia ir-se-lhe com ela a alma. Memórias de infância, sonhos de juventude, e reminiscências de velho, como  
45 aves invisíveis, ocultas nas copas daquelas árvores, surgiam agora espavoridas e desnorteadas, a procurar o refúgio, que não encontravam fora dali.

Por outro lado, os delicados sentimentos do herbanário eram dolorosamente feridos, ao desmoronarem-se as paredes daquela pequena casa onde ele envelhecera e contava morrer, e ao patentear-se indiscretamente aos olhos irreverentes e curiosos do  
50 povo aquele recatado asilo.

A demolição prosseguia com ardor e actividade. Em pouco tempo, só restavam da casa os muros, meio derrocados; e, no quintal, a serra e o machado principiavam a exercer no tronco da última árvore a sua obra destruidora. Era o castanheiro da entrada, gigante de outro século, que desafiara os raios de muitos invernos sucessivos.

Excerto do romance de Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais* (1992) (1ª edição 1868) (adaptado)

---

<sup>1</sup> coorte: grupo numeroso de indivíduos

<sup>2</sup> alviões: enxadas de pico, picaretas

<sup>3</sup> argamassa: cimento feito com cal, areia e água

<sup>4</sup> outeiro: colina, monte

<sup>5</sup> estertor: momento que antecede a morte

<sup>6</sup> sumidades: pessoas que sobressaem pelo seu saber  
(sentido figurado)

Texto D

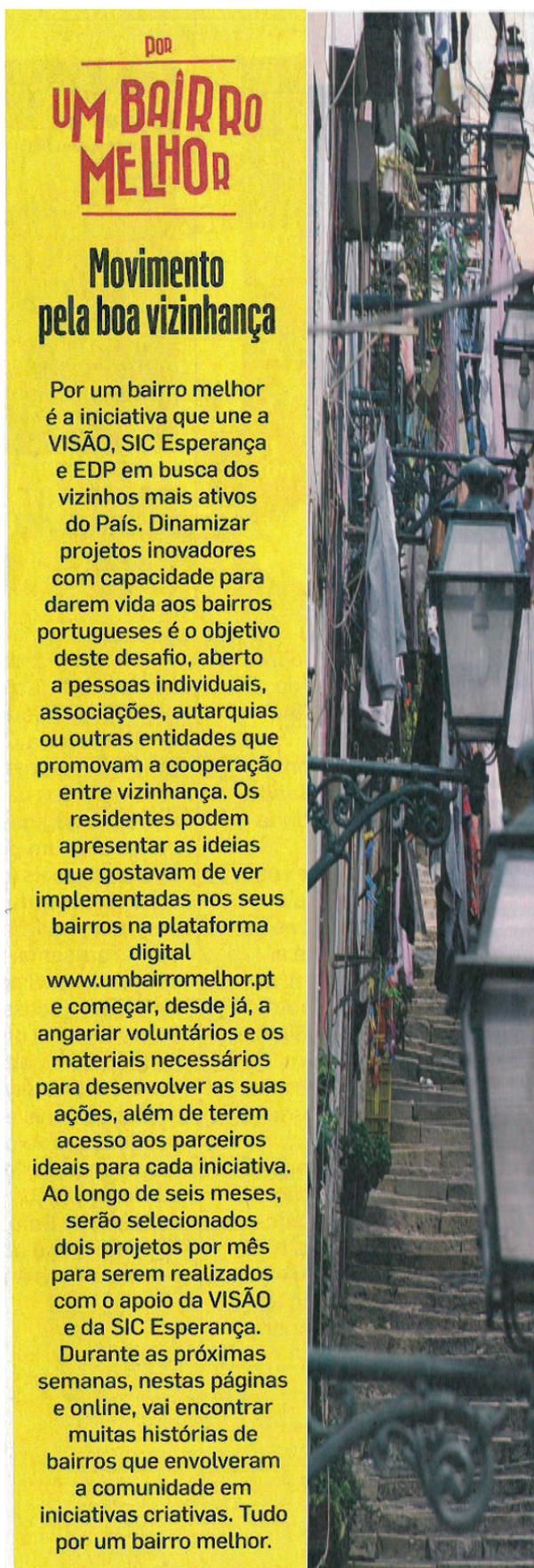
## Pelos bairros de Portugal

Estimular a boa vizinhança e projetos inovadores é o objetivo da iniciativa Por um Bairro Melhor, promovida pela VISÃO, SIC<sup>1</sup> Esperança e EDP<sup>2</sup>. Afinal, de que falamos quando falamos de um bairro?

 VÂNIA MAIA

10 **R** à mercearia a dois passos de casa, levar os miúdos ao parque ao final da tarde ou perguntar no café se a D. Clotilde já regressou do hospital. Tudo isto faz parte da vida de bairro, aliás, de um bairro com vida. Não surpreendem, assim, as palavras que João Seixas, urbanista, começa por associar à ideia de bairro: escala humana. “Há um sentido de comunidade, mesmo que as relações pareçam frágeis ou quase inexistentes, existe um entendimento comum – por vezes silencioso, outras vezes muito ruidoso – sobre o que cada um entende sobre um território enquanto bairro”, explica o docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Promover esse sentido de comunidade é o alvo do desafio lançado pelo projeto *Por um Bairro Melhor* (ver caixa).

25 Será inevitável dizer que “o bairro são as pessoas”? Afinal, foi essa a resposta mais ouvida pela investigadora Filipa Ramalhete, do Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território, da Universidade Autónoma de Lisboa [...], apresentado em 2014. “As relações entre a vizinhança, apoiadas no comércio local onde as pessoas se cruzam, parecem estar sempre presentes na conceção de bairro dos residentes”, constata a docente, que apelida os bairros de “unidades emocionais” (relacionadas com um sentimento de pertença, que nem sempre tem correspondência administrativa). Não é difícil associar os bairros a emoções fortes. Basta pensar na rivalidade que anima as marchas populares<sup>3</sup> da capital ou na necessidade vital de saber o motivo do divórcio dos vizinhos do 5º esquerdo...



**DOR**  
**UM BAIRRO MELHOR**

**Movimento pela boa vizinhança**

Por um bairro melhor é a iniciativa que une a VISÃO, SIC Esperança e EDP em busca dos vizinhos mais ativos do País. Dinamizar projetos inovadores com capacidade para darem vida aos bairros portugueses é o objetivo deste desafio, aberto a pessoas individuais, associações, autarquias ou outras entidades que promovam a cooperação entre vizinhança. Os residentes podem apresentar as ideias que gostavam de ver implementadas nos seus bairros na plataforma digital [www.umbairromelhor.pt](http://www.umbairromelhor.pt) e começar, desde já, a angariar voluntários e os materiais necessários para desenvolver as suas ações, além de terem acesso aos parceiros ideais para cada iniciativa. Ao longo de seis meses, serão selecionados dois projetos por mês para serem realizados com o apoio da VISÃO e da SIC Esperança. Durante as próximas semanas, nestas páginas e online, vai encontrar muitas histórias de bairros que envolveram a comunidade em iniciativas criativas. Tudo por um bairro melhor.

**BAIRROS SOB AMEAÇA**

45 Em Lisboa, a “febre hoteleira” tem causado inquietações nos bairros históricos. Na semana  
passada, a empresária Catarina Portas criticou nas redes sociais a inauguração de (mais) um  
restaurante de *fast-food* no Chiado, e a crescente descaracterização da cidade, dizendo que  
quando as publicações de turismo lhe pedirem sugestões de locais para visitar gostaria de  
referir a Loja da Fábrica de Sant’Anna ou a discoteca Jamaica, mas estão ambas “em processo  
de despejo para dar lugar a um hotel”... O urbanista João Seixas deixa o alerta: “Se um  
50 bairro deixar de ter vida quotidiana, podem continuar a chamar-lhe bairro, mas intrinsecamente  
já não o será. As funções de um bairro, os cafés, o comércio, o espaço público, até os  
tuk-tuks<sup>4</sup>, devem ser utilizados por todos”. A multifuncionalidade do bairro é, aliás, uma das  
características mais valorizadas pelos residentes, de acordo com o estudo coordenado por  
Filipa Ramalhete. “O bairro ter tudo numa escala de proximidade é muito importante para  
55 quem lá vive”, refere a investigadora. Se o bairro são as pessoas, e as relações entre elas,  
também são a habitação, as escolas, o centro de saúde, os jardins, a esquadra da polícia, o  
lar de idosos ou o comércio – “difícilmente alguém se sente num bairro se tiver que apanhar o  
metro para comprar um pacote de leite”, constata João Seixas.

Um bairro pode ser, também, definido por uma biblioteca, como aquela que mudou a vida  
60 de Bruno Vieira Amaral, inaugurada em Vale da Amoreira quando o escritor tinha 12 anos. [...] “O facto de não ter muitos livros em casa e de passar a poder levá-los para casa durante duas  
semanas foi como abrir o cérebro e começar a pôr coisas lá para dentro”, confessa. “Aquilo  
que eu sou foi muito marcado por aquele lugar, aquelas pessoas, as relações entre elas, a vida  
naquele bairro”, afirma, antes de recordar a origem do título do seu romance: “Foi ali que eu vi  
65 as *primeiras coisas*”. Afinal, os bairros também são feitos de memórias.

Artigo publicado na revista portuguesa *Visão* (2016) (adaptado)

---

<sup>1</sup> SIC: estação de televisão portuguesa

<sup>2</sup> EDP: empresa de eletricidade “Energias de Portugal”

<sup>3</sup> marchas populares: tradição antiga de desfile dos moradores de cada bairro de Lisboa, ao som de músicas alegres, subordinado a um tema histórico ou relativo às características de cada bairro

<sup>4</sup> tuk-tuks: triciclo com cabine para transporte de passageiros, muito utilizado em Lisboa

---